

EXTRA, EXTRA! ADOLESCÊNCIA E IDEAL CULTURAL: VENDENDO IMAGENS E JORNAIS¹

EXTRA, EXTRA! ADOLESCENCE AND THE CULTURAL IDEAL HYPOTHESIS: SELLING IMAGES AND NEWSPAPERS

Guilherme Selvero Lacerda² e Marcos Adegas de Azambuja³

RESUMO

A adolescência, enquanto conceito dinâmico, caracteriza-se como uma produção da estrutura social, econômica e cultural do mundo ocidental. Com a difusão dos ideais adolescentes no decênio de 60 e a ascensão do individualismo, percebe-se o surgimento da adolescência como um ideal cultural não só pelos sujeitos desejarem permanecer nela (sonhando com a liberdade), mas também por ditar tendências comerciais e culturais. Sendo um derivado moderno da infância, a adolescência apresenta-se como uma interpretação de desejos adultos reprimidos, produzida por seu caráter de moratória social, que força o adolescente a tentar descobrir o que os adultos querem dele. Dessa forma, com uma proposta de escrita ensaística e referencial psicanalítico, objetivou-se refletir acerca da adolescência e seu caráter de ideal cultural a partir dos discursos e imagens veiculados por uma fração da mídia impressa - jornais - da cidade de Santa Maria/RS. Esta pesquisa, denominada documental, analisou determinadas manchetes sobre adolescência e juventude durante uma semana do mês de agosto de 2012, buscando identificar e associar os estereótipos juvenis à sustentação do proposto ideal cultural adolescente. Foram encontrados, nos materiais analisados, diversas facetas do sujeito adolescente contemporâneo. Repleta de paradoxos, a adolescência pode significar uma encruzilhada difícil para o jovem púbere, pois a ausência de referências simbólicas estáveis e a pretensa idealização de sua condição podem alçar-lhe a uma espécie de não-lugar.

Palavras-chave: adolescentes, cultura, mídia impressa, psicanálise.

ABSTRACT

As a dynamic concept, adolescence is characterized as a production of the social, economic and cultural structures of the Western world. With the spread of the teenage ideals in the 60's and the ascension of individualism, adolescence becomes a cultural ideal not only because the individuals wish to remain in this stage (dreaming of freedom), but also because it dictates commercial and cultural trends. Being a modern derivative of childhood, adolescence is an interpretation of repressed desires of adults, produced by its character of "social moratorium", which forces teenagers to figure out what adults expect from them. Thus, with a proposal for essay writing and psychoanalysis approach, this study aimed to reflect upon adolescence and its characteristics of cultural ideal based on speeches and images conveyed by a fraction of the print media of the city of Santa Maria/RS. This document research analyzed specific headlines about adolescence and youth in a week of August 2012 in order to identify youth stereotypes which supported the adolescent cultural ideal. Diverse facets of the contemporary teenager were found in the analyzed materials. Full of paradoxes, adolescence can become a difficult stage for the pubescent teenager, since the absence of stable symbolic references and the alleged idealization of their condition can raise them to a kind of "non-place".

Keywords: adolescents, culture, print media, psychoanalysis.

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmico do curso de Psicologia - Centro Universitário Franciscano. E-mail: guilherme_slacerda@yahoo.com.br

³ Orientador. Docente adjunto do curso de Psicologia - Centro Universitário Franciscano. E-mail: m_adeegas@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma das formações culturais mais poderosas da nossa época. A partir dos anos 1960, impulsionados pelo otimismo do pós-guerra, os ideais adolescentes se propagaram na sociedade, acarretando em mudanças culturais que afetaram tanto os adolescentes quanto os adultos (SAVAGE, 2009). Tais mudanças transformaram a adolescência em um ideal cultural de nosso tempo não só pelo fato de os sujeitos desejarem permanecer nela (fantasiando a liberdade), como também pelo fato de ditar tendências culturais, comerciais e de lazer. Se até a década de 60 o ideal era a idade adulta, a partir daí o sonho adulto passa a ser a adolescência.

A consolidação da adolescência como um ideal cultural baseia-se no individualismo disseminado na cultura ocidental a partir dos anos 60 e 70, quando a liberdade tornou-se um elemento central em torno do qual se organizava a sociedade, no lugar dos outros ideais modernos relativos à fraternidade e à igualdade, que entraram em declínio (COUTINHO, 2005). Deste modo, o surgimento da adolescência como um conceito formal está ligado ao ideal de liberdade presente de forma cada vez mais dominante na cultura ocidental, o que nos leva a supor que o século XX fez da adolescência um de seus ideais culturais, pois nesse período muitos pareciam querer ocupar essa posição eternamente (CALLIGARIS, 2000).

Concomitantemente a isso, as Ciências Humanas, como a Pedagogia e a Psicologia, tomaram a adolescência como objeto de estudo e contribuíram consideravelmente com noções de sujeito e de desenvolvimento psicológico. A partir daí, a adolescência passou a ser considerada uma etapa evolutiva no desenvolvimento do sujeito. Assim, a escola deveria se responsabilizar pelo controle e prolongamento da infância, o que acabou por separar a infância e a adolescência do mundo adulto, provocando uma ordenação universal do desenvolvimento humano rumo à maturidade, consolidada pela teorização da Psicologia do desenvolvimento (ROCHA; GARCIA, 2008).

Tal processo desencadeou, no decorrer do século XX, uma formação de identidades e grupos jovens relativamente autônomos em relação aos adultos. Na década de 50, nos Estados Unidos, a adolescência era associada à delinquência e, em um segundo momento, conseguiu emergir como uma subcultura com ideias e identidade próprias. No decênio de 60,

a proliferação de símbolos e identidades relativos à adolescência produziu uma mitificação da juventude e assim posteriormente deu lugar à idealização da juventude e, mais especificamente, da adolescência, à medida que suas diversas representações tenham sido apropriadas pela lógica do consumo; atualmente, é cada vez mais difícil concebermos a adolescência como uma fase de amadurecimento, como um momento transitório e evolutivo, e cada vez mais fácil investigar a partir dela os ideais que regem a vida social (ROCHA; GARCIA, 2008, p. 626).

Esta pesquisa parte das reflexões presentes no livro “A adolescência”, do psicanalista e doutor em Psicologia Clínica, Contardo Calligaris (2000). O livro, relativamente pequeno; todavia, muito interessante, dedica um de seus capítulos à temática da adolescência como um ideal cultural. Pelo

viés da Psicanálise, o autor faz uma breve contextualização histórica para elucidar como esse novo ideal se desenvolveu na sociedade moderna, além de questionar quais as consequências advindas dessa idealização. O interesse por assuntos cotidianos e um desejo possivelmente identificatório com a adolescência justificam a escolha da temática e do livro em si como ponto de partida.

Através deste trabalho, buscou-se compreender essa entidade enigmática sustentada pela imaginação de todos (adolescentes e adultos) e, assim, pensar possibilidades de maior reflexão sobre o assunto, proporcionando novos ângulos de visão sobre o mesmo. Acreditamos que esta seja uma temática muito válida e atual, pois está presente no cotidiano da maioria dos países de cultura ocidental e muito fortemente em nosso país. A adolescência segue despertando interesses e fantasias, o que nos abre portas para investigar as consequências de sua transformação em um ideal cultural.

Hoje a adolescência representaria não apenas o ideal de liberdade ressignificado e valorizado, mas também um estilo de vida, que abrange inclusive os terrenos comerciais e econômicos, tornando-se um excelente argumento promocional (ROCHA; GARCIA, 2008). Sendo assim, abre-se espaço para a emergência de questões acerca da permanência nessa “passagem”: não estaria o adolescente procurando se manter na sua condição, já que o adulto justamente busca um ideal adolescente? Os jovens desejam permanecer na adolescência ou simplesmente “não têm para onde ir”? Desse modo, tentaremos refletir em cima do discurso produzido por dois jornais locais, analisando seu conteúdo e sua articulação com nossas inquietações. A escolha deste objeto de estudo se justifica pelo potencial de circulação e distribuição do material na cidade de Santa Maria, tendo importância constituinte no processo de formação de opinião da população. Diante disso, partindo de matérias jornalísticas pré-selecionadas, este trabalho teve como objetivo refletir acerca da adolescência como ideal cultural, buscando identificar e associar os estereótipos juvenis à sustentação do proposto ideal cultural adolescente.

SOBRE MÉTODO E PRODUÇÃO DE DADOS

Durante uma semana do mês de agosto de 2012, foram analisados, por meio de um referencial psicanalítico, os discursos e imagens a respeito da adolescência veiculados pelos dois maiores meios de mídia impressa (jornais) da cidade. Assim, buscou-se associar os estereótipos sobre jovens que ali emergem à produção do ideal cultural adolescente.

O trabalho partiu de uma pesquisa documental, que “se assemelha muito à pesquisa bibliográfica; sendo a natureza das fontes sua única diferença [...]”, pois se utiliza “[...] de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (GIL, 2007, p. 66). Dessa forma, entre o período de 13/08/2012 a 19/08/2012, foram selecionados seis exemplares de jornais para análise, sendo quatro do *Diário de Santa Maria* e dois do jornal *A Razão*.

O *Diário de Santa Maria* foi fundado em 19 de junho de 2002 e faz parte do Grupo RBS, que possui grande expressão na região sul do país. Suas edições possuem um design gráfico moderno e exploram diversas colorações, a ponto de formarem um matiz singular a todas as páginas da publicação. Os diversos conteúdos do jornal estão espalhados pela capa e contracapa, mesclando-se de uma forma leve e “jovial” e, muitas vezes, inclusive paradoxal. É um jornal moderno, que costuma adequar-se às tendências estéticas visuais e sustentar o discurso hegemônico de seu grupo-máter.

A *Razão*, por sua vez, define-se como “um jornal regional”. É um dos mais tradicionais veículos de comunicação do interior do Rio Grande do Sul e o mais antigo em atividade em Santa Maria, desde 1934. O jornal apresenta características de seriedade e um design gráfico mais contido; sua estruturação pode ser considerada “racional” e sua modernização estético-visual parece caminhar a passos lentos. É uma gazeta enfática que volta sua atenção a assuntos de cunho político e econômico; embora busque certa vazão em publicações como a sessão de esportes e o Caderno *Teen* (veiculado nas quintas-feiras).

As análises dos exemplares foram realizadas a partir de reportagens selecionadas, agrupadas em diferentes temáticas sobre a adolescência. Sem obedecer a uma ordem cronológica, seis matérias publicadas pelos referidos jornais foram utilizadas. Em decorrência de certa proximidade com nossas pretensões, optou-se por adotar o método da Análise de Discurso (AD) na apreciação do material pesquisado. A Análise de Discurso caracteriza-se por uma ênfase interpretativa e crítica, o que exige a adoção de uma forte opção teórica *a priori*, escolhida antes do exame empírico dos objetos pesquisados. Dessa forma, mais do que uma teoria sobre um fenômeno, a AD representa teorias que fundamentam a análise, assumindo, portanto, um olhar teórico externo no exame das realidades a serem investigadas (MORAES; GALIAZZI, 2007). A partir disso foi possível nortear as discussões e reflexões a respeito do discurso produzido pela mídia local no que se refere à adolescência, o ideal cultural adolescente e a inter-relação entre ambos. Cabe, também, ressaltar as possíveis aproximações e sobreposições da Análise de Discurso com outros métodos de Análise Textual, tais como a Análise de Conteúdo e a Análise Textual Discursiva, em que as diferenças apresentam-se mais em grau de intensidade de características do que em qualidade.

Em um primeiro momento, apresentaremos uma revisão teórica sobre as diretrizes que embasaram o trabalho. Logo em seguida, partiremos para a discussão dos resultados, na qual serão esmiuçadas as reflexões provenientes do material analisado. Cabe ressaltar que, neste trabalho, não nos deteremos em questões de diferenciação terminológica entre os conceitos de adolescência e juventude, embora elas existam e sejam aprofundadas em outros artigos⁴. Contudo, também não os utilizaremos

⁴ Para saber mais sobre as diferenças entre Adolescência e Juventude veja:

HADLER, O. H.; GUARESCHI, N. M. F. Nas trilhas do sujeito jovem: entre práticas de institucionalização e políticas públicas. *Mnemosine*, v. 6, n. 1, p. 19-40, 2010.

OLIVEIRA, A. M. **Jovens e adolescentes no ensino médio: sintomas de uma sistemática desvalorização das culturas juvenis**. 2008. 222f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil, 2008.

como sinônimos, e sim como conceitos próximos, a adolescência caracterizando-se mais por um período (de indecisão) e a juventude por uma categoria sócio-histórica, de definição arbitrária, que, por sua vez, engloba a adolescência.

Seria ainda importante salientar que, devido à especificidade da escrita psicanalítica, fez-se fundamental para este artigo adotar uma modalidade textual *ensaística*, que se caracteriza por dar amplitude a situações e/ou sensações percebidas como expressivas e sintomáticas. Além disso, o *ensaio* tem a pretensão de converter o método em problema, o que o torna metodologicamente mais inventivo e afeito às manifestações da subjetividade, diferentemente da escrita acadêmica tradicional (LARROSA, 2003). E é justamente nesse último aspecto que o ensaio - enquanto gênero literário nitidamente subjetivo - se aproxima de um escrito psicanalítico, que é fundado sempre na experiência da transferência como condição da possibilidade de se estabelecer uma linguagem própria ao inconsciente, através da qual o sujeito (autor) possa singularizar-se em seus enunciados (BIRMAN, 2001).

Cabe ressaltar, ainda, que é notória a diversidade de abordagens sobre o referido tema, inclusive no âmbito da própria Psicanálise. Dessa forma, sendo produto de um momento sócio-histórico específico, este trabalho não objetiva estancar fontes propulsoras de questionamentos a respeito da temática adolescência, tampouco promover enrijecimentos conceituais ou de interpretação. Assim, dentro do que nos é circunscrito, tentaremos contribuir compartilhando algumas considerações.

UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE A CONCEPÇÃO DE CULTURA E SEUS IDEAIS

A dimensão material da vida social (civilização) e a dimensão espiritual das instituições humanas (cultura), articuladas entre si, expressam o entendimento da concepção de cultura que consideramos. De acordo com Fuks (2007, p. 10), “Freud designa como cultura humana a interioridade de uma situação individual - manifesta nos impulsos que vêm desde dentro do sujeito - e a exterioridade de um código universal, subjacente aos processos de subjetivação e aos regulamentos das ações do sujeito com o outro”. Embora não sejam sinônimos de cultura, os termos psicanalíticos outro, Lei, Supereu e Outro da linguagem, podem ser representados por ela (FUKS, 2007).

Baseando-se no mito da horda primitiva (FREUD, 1912-1913/2013), em que é apresentada a gênese da cultura, podemos considerar as bases culturais e de civilização: na supressão de qualquer figura de poder excessivo e onipotente, o que culminou - como efeito da coibição de desejos - nas leis sociais de proibição do incesto e do assassinato e na obediência às leis significantes que submetem os homens à linguagem e aos processos de simbolização da cultura (FUKS, 2007). A partir disso, podemos trabalhar o conceito de ideal cultural sob a ótica psicanalítica, na qual o termo apresenta uma função protetora contra o desamparo. Tal função é vivenciada no campo social, sendo que os ideais culturais não só atenuam o mal-estar entre o sujeito e a civi-

lização como também disponibilizam recursos para o manejo - pelo sujeito - da castração e dos destinos da pulsão (ROCHA; GARCIA, 2008).

As pessoas sempre estarão prontamente inclinadas a incluir entre os predicados psíquicos de uma cultura os seus ideais, ou seja, suas estimativas a respeito de que realizações são mais elevadas e em relação às quais se devem fazer esforços por atingir. [...] os ideais se baseiam nas primeiras realizações que foram tornadas possíveis por uma combinação entre os dotes internos da cultura e as circunstâncias externas, e que essas primeiras realizações são então erigidas pelo ideal como algo a ser levado avante. A satisfação que o ideal oferece aos participantes da cultura é, portanto, de natureza narcísica; repousa em seu orgulho pelo que já foi alcançado com êxito (FREUD, 1927/1996, p. 22).

Dessa forma, podemos considerar que os ideais apresentam exigências e modelos a serem respeitados e que, ao serem compartilhados culturalmente pelos sujeitos, reduzem a hostilidade e sustentam os laços da civilização, em um movimento de proteção contra a agressividade e o desamparo, que é produto de um afastamento do homem moderno em relação à natureza e à ética religiosa. “A satisfação narcísica proporcionada pelo ideal cultural encontra-se [...] entre as forças que alcançam êxito no combate à hostilidade para com a cultura dentro da unidade cultural” (FREUD, 1927/1996, p. 23).

Ao mesmo tempo em que o sujeito precisa dos laços sociais para dar vazão às pulsões, necessita também conservar sua individualidade e autonomia como forma de satisfazer-se narcisicamente. A cultura, portanto, apresenta-se instável e precisa ser constantemente sustentada pelos ideais, que, de certa forma, negam o mal-estar e o desamparo. Isto acaba atribuindo uma ambiguidade própria aos ideais culturais, “que têm uma função pacificadora em relação ao mal-estar na cultura, sem conseguir, no entanto, apaziguá-lo, fazendo com que a constante tensão a que estão submetidos produza sintomas sociais” (ROCHA; GARCIA, 2008, p. 629). Neste sentido, segundo Coutinho (2005), o ideal cultural adolescente toma a forma de um sintoma social característico à contemporaneidade, estando relacionado ao declínio dos referenciais simbólicos compartilhados. Sendo assim, após estas considerações, podemos intuir que o ideal cultural da adolescência se posta como uma reação (sintoma) ao mal-estar na cultura ao encenar o ideal de liberdade.

A FORMAÇÃO DO IDEAL ADOLESCENTE

O advento do individualismo e a conseqüente mudança na forma com que a sociedade ocidental concebe a experiência de morte (antes coletiva; agora, individual) contribuíram para a invenção da infância tal como a conhecemos hoje - sendo objeto de amor e veneração dos adultos. Posto isso, a infância passa a ser o momento ideal de felicidade, onde a criança é protegida dos conflitos sociais pelos adultos e concomitantemente designada para eternizar suas existências e ser depositária de seus sonhos (ARIÈS, 1981). Porém, encarregar as crianças de preparar o futuro e realizar os irrealizáveis sonhos adultos pode comprometer a imagem de felicidade delas, justamente a imagem que torna a modernidade

um lugar “suportável”. Diante desse impasse, a infância se prolonga e a partir daí força o surgimento da adolescência, que é um derivado contemporâneo da infância moderna (CALLIGARIS, 2000).

Além disso, com a revolução industrial, inúmeras mudanças se estabelecem nas formas de trabalho da sociedade ocidental. Os adultos que até então trabalhavam em suas casas migram para as fábricas, fazendo com que as crianças necessitem de um novo lugar onde possam ficar enquanto os pais trabalham e, ao mesmo tempo, possam aprender a trabalhar, visto que não possuíam mais a oportunidade de se apropriar do ofício caseiro de seus familiares. A escola se apresentou como esse “novo” espaço e, assim, com o avanço tecnológico e o aumento da longevidade da população, a sociedade exigiu um represamento dos jovens na escola, para que não ocupassem o lugar dos pais no mercado de trabalho (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008). Tais fatos históricos demonstram alguns fatores que contribuíram para o prolongamento da infância e nos ajudam a elucidar a construção sócio-histórica que produziu o fenômeno da adolescência na sociedade contemporânea.

A partir da segunda metade do século XX, nos anos 50 e 60, embora estivessem em prosperidade, as classes médias ocidentais temiam uma crescente massificação uniforme. Receavam um retorno inesperado à sociedade tradicional, onde o seu leque de escolhas e possibilidades se reduziria e a vida social seria pré-estabelecida e igual para todos. Esse movimento acarretou numa valorização da adolescência como entidade que garantisse liberdade, tempo de livre escolha, acesso a uma diversidade de identidades. Em suma, frutos do individualismo e do ideal de liberdade disseminados na cultura. A independência do jovem passou a se sobressair à sua casual obediência e, como a época necessitava de rebeldia, a adolescência tomou seu lugar na cultura, postergando cada vez mais o seu final (CALLIGARIS, 1998).

Diante disso, Calligaris (1998; 2000) complementa que a adolescência se torna inevitavelmente o ideal da vida adulta, pois é o tempo da liberdade de escolher, tornando-a, de certa forma, o símbolo da modernidade. Por isso, em uma sociedade moderna, o adolescente - seja qual for a sua escolha cultural - é sempre invejável. A idealização inicial da infância já não é mais suficiente; os adultos não se contentam mais com a visão sacral das crianças felizes, eles buscam um prazer menos utópico e mais narcisista e acabam por encontrá-lo na imagem dos adolescentes idealizados, que oferecem um estilo identificatório, praticável e consumível, à medida que a lógica de consumo tenha se apropriado de suas representações.

ADOLESCÊNCIA: ENTRE IDEAIS, CONTRADIÇÕES E UMA MORATÓRIA

Ao longo de mais ou menos 12 anos, as crianças se integram em nossa cultura e internalizam os valores essenciais para se fazer valer em nosso mundo (ter destaque social-financeiro e amoroso-sexual). Após anos de aprendizado e maturação do corpo, estes valores estão solidamente assimilados por elas; e é nesse instante que lhes é informado que não está bem na hora ainda de se

integrarem ao mundo e de efetivar as tarefas apontadas por tais valores. Em outras palavras, as crianças se tornam adolescentes quando, apesar de seu corpo e espírito estarem prontos para enfrentar a vida, não são reconhecidas como adultos. Uma vez transmitidos os valores sociais, lhes é imposta uma “moratória”, ou seja, há um tempo de suspensão entre a chegada da maturação dos corpos e a autorização de realizar os ditos valores. Essa autorização é postergada, e o tempo de suspensão é a adolescência (CALLIGARIS, 2000).

Erikson (1972) foi quem formalizou o conceito de adolescência e foi o primeiro a apresentá-la a partir do conceito de moratória. Para ele, a crise da adolescência é um efeito de nosso tempo e a velocidade das mudanças na atualidade dificulta a transmissão de uma tradição de pais para filhos adolescentes, fazendo com que estes se constituam sem referências estáveis (CALLIGARIS, 2000; BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008). Sendo assim, baseamo-nos na concepção defendida por Erikson (1972) e sustentada por Calligaris (2000), que considera a adolescência como uma moratória (injusta, diga-se de passagem).

Os jovens atuais, além dos valores essenciais da sociedade, também são instruídos aos ideais de independência e autonomia, que são requisitos do individualismo de nossa cultura. Dessa maneira, incentivar os jovens a serem independentes é uma das bases da educação moderna e, também, a régua com a qual se mede o reconhecimento dos sujeitos enquanto adultos, à medida que se firmarem como independentes e autônomos (como os adultos teoricamente são). Contudo, apesar de os adolescentes atingirem a maturação dos corpos, a busca pela autonomia idealizada é deixada para mais tarde, devido à moratória imposta. Aí se instala uma contradição, pois apesar de estarem prontos fisicamente para o mundo adulto, ainda faltaria maturidade aos adolescentes. Justamente a maturidade que lhes é barrada pela espera imposta pela moratória (CALLIGARIS, 2000). Essa contradição torna-se mais confusa ainda quando o adolescente se depara com a idealização da adolescência como se fosse um tempo feliz, e assim

[...] vive um paradoxo: ele é frustrado pela moratória imposta, e, ao mesmo tempo, a idealização social da adolescência lhe ordena que seja feliz. Se a adolescência é um ideal para todos, ele só pode ter a delicadeza de ser feliz ou, no mínimo, fazer barulhentemente de conta. [...] Assim, a adolescência não é só uma moratória mal justificada que contradiz valores cruciais como o ideal de autonomia e priva o adolescente de reconhecimento e independência. É também um tempo de transição, cuja duração é misteriosa (CALLIGARIS, 2000, p. 18).

Outros autores, com seus estudos, nos ajudam a conceber melhor esse fator fundamental para as problemáticas adolescentes na atualidade que é a duração da adolescência ou, principalmente, quando/como ela termina. Segundo Jerusalinsky (2004), a adolescência pode ser definida como um estado de indecisão. Uma indecisão na iminência de decidir, mas sem possuir ainda certeza. Um estado de angústia que fala de um adoecer, de um sofrimento pela iminente decisão que a

sociedade lhe cobrará quando adentrar na fase adulta. Dolto (1990, p. 23) complementa dizendo que os jovens atuais não possuem uma demarcação exata dessa passagem, sendo preciso que os próprios adolescentes se concedam o direito de passagem de uma fase a outra, o que acaba exigindo-lhes uma conduta de risco. Referindo-se ao término da adolescência, Jerusalinsky (2004) considera que o adolescente só se torna adulto quando emerge do estado de indecisão e encontra em si condições psíquicas para representar-se no social. Dolto (1990, p. 27) afirma que o término se dá mediante a posição que o indivíduo assume frente a seus genitores, quando a ansiedade dos pais não produz mais sobre ele nenhum efeito inibidor. Maria Rita Kehl, ao considerar a extensão da adolescência, afirma que:

O aumento progressivo de período de formação escolar, a alta competitividade do mercado de trabalho nos países capitalistas e, mais recentemente, a escassez de empregos obrigam o jovem adulto a viver cada vez mais tempo na condição de “adolescente”, dependente da família, apartado das decisões e responsabilidades da vida pública, incapaz de decidir seu destino (KEHL, 2004, p. 91).

A partir destas considerações, podemos perceber a incerteza acerca da duração da adolescência e, conseqüentemente, do seu término. O início dessa passagem é claramente marcado pela puberdade e suas transformações fisiológicas, porém as problemáticas sociais e subjetivas que emergiram pela invenção dessa moratória são reações ao não reconhecimento - pelo olhar dos adultos - dos sinais da passagem para a idade adulta. Dessa forma, a questão principal fica por conta de como se sai da adolescência. Todavia a resposta é incerta, já que não possuímos em nossa cultura um ritual específico de iniciação à vida adulta. E, mesmo se fosse possível, seria necessário que se estabelecesse a definição de homem ou mulher adultos, o que fica em aberto na cultura moderna, sem falar no quão autônomo e independente um adolescente precisaria ser para adentrar o mundo adulto. “A moratória da adolescência é o fruto dessas indefinições [...] Como ninguém sabe o que é um homem ou uma mulher, ninguém sabe o que é preciso para que um adolescente se torne adulto” (CALLIGARIS, 2000, p. 21).

O adolescente - enquanto aquele sobre o qual é imposta uma moratória, ou seja, que possui todas as condições para ingressar no mundo adulto, porém ainda não está autorizado a fazê-lo devido a essa suspensão - apresenta-se como alguém cujos sentimentos e comportamentos rebeldes são reações diretas a essa moratória. Além de ter o confuso dever de sustentar uma dita felicidade devido à idealização de sua condição pela sociedade, , permanece sem saber ao menos quando e de que forma poderá sair dessa fase (CALLIGARIS, 2000). A adolescência, não sendo uma fase natural do desenvolvimento humano, posta-se como uma produção da estrutura social, econômica e cultural. E assim, hoje, a adolescência como ideal parece intensificar o desamparo dos adolescentes em um mundo em que as regras são feitas por eles e para eles, no qual os adultos não oferecem mais referências identificatórias nem consistência imaginária (ROCHA; GARCIA, 2008).

DISCUSSÕES E REFLEXÕES

Por si só, o design gráfico do jornal Diário de Santa Maria já apresenta características ditas joviais: as cores vivas, a formulação dos anúncios, tudo parece pender para um rejuvenescer. As múltiplas facetas da adolescência e/ou juventude emergem em vários pontos das edições selecionadas, inclusive nas mais diversas seções dos diários. Desde o óbvio caderno *Teen*, publicado em *A Razão*, até o improvável folhetim de agronegócios. Seja em simples pitacos ou em elaboradas crônicas, o aspecto juvenil aponta como sinônimo de vida e/ou energia; e por que não, já que é o caso, como ideal. Necessitamos contemplar os atores de nossos desejos reprimidos, é pré-requisito para nossa sobrevivência nesta pós-modernidade. E por que não vivenciar ao invés de somente admirar? São infinitas caricaturas, desde as mais conformistas até as mais transgressoras, que desobedecem ao mesmo tempo em que parecem obedecer (àquele sonho reprimido, recalçado, esquecido dos adultos).

Essas variadas imagens adolescentes vendidas pelos jornais locais, coincidentemente ou não, se postam de forma contraditória (assim como a moratória imposta). E incrivelmente chegam a estar lado a lado, estampadas na capa do jornal, como, por exemplo, a edição nº 3.165 do jornal Diário de Santa Maria, datada de 16/08/2012. Como se pode observar na figura 1, a capa estampa duas condutas adolescentes ambíguas, mas que ao mesmo tempo representam o quão paradoxal pode ser a passagem adolescente em nossa cultura. Enquanto alunos de um colégio militar (devidamente fardados) comemoram os melhores resultados no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), a figura rebelde, transgressora, juvenil, de Elvis Presley, o rei do Rock, aquele que “não morreu”, espreita os adolescentes disciplinados e suas boas notas. E os detalhes não param por aí. Ironicamente (ou não), junto a um livro de xadrez na mesa dos estudantes militares, está o livro do cartunista argentino Quino, contendo as tiras de sua personagem Mafalda. Carregadas de humanismo e de uma crítica social às temáticas de autoritarismo, repressão, censura e dominação, as tirinhas de Mafalda questionam justamente características que foram, ou ainda são, relacionadas a instituições como o exército.

Figura 1 - Capa da edição de 16/08/2012 do jornal *Diário de Santa Maria*.



Tais detalhes nos permitem fazer algumas suposições acerca destes rastros deixados pelos discursos da mídia. Exigimos o conformismo social de nossos adolescentes e, concomitantemente, o individualismo de nossa cultura preza pela autonomia e a independência como os principais valores. Isto no mínimo causaria um desconforto; então, não é difícil de imaginar a confusão ambígua em que se depara o sujeito adolescente. Lhes é pedido que obedeçam; contudo, o que farão quando obedecer parece ser justamente desobedecer? Nas entrelinhas, os sonhos humanos de liberdade e gozo sem limites se sobressaem e parecem encarregar os adolescentes de encená-los (CALLIGARIS, 2000).

Outra gazeta relembra os 20 anos dos caras-pintadas: os movimentos juvenis que derrubaram o presidente da república Fernando Collor, marco histórico na política brasileira, inclusive delegando aos jovens a responsabilidade pelo sucesso. Uma frase é destacada pelo jornal A Razão do dia 15/08/2012, na página 2: “Se não tivesse a mobilização dos estudantes e da juventude, o presidente não teria caído”, afirma um político e líder estudantil da época. A faceta do jovem engajado em causas políticas e sociais de certa forma abarca o espírito juvenil de rebeldia e luta. Aqui, em específico, ao que parece, encontra-se uma imagem de contribuição construtiva e, quem sabe até, paradoxalmente, de caráter moralista. Cabe, portanto, fazer menção ao aspecto gregário do comportamento adolescente, pois os movimentos juvenis são, também, grupos com interesses em comum, que se fortalecem entre si e se reconhecem.

Em suas reflexões, Calligaris (2000) demarca algumas imagens construídas socialmente para elucidar os comportamentos adolescentes⁵; dentre elas a de “Adolescente Gregário”. Ele afirma que “recusado como par pela comunidade dos adultos, indignado pela moratória que lhe é imposta e acuado pela indefinição dos requisitos para terminá-la, o adolescente se afasta dos adultos e cria, inventa e integra microssociedades que vão desde o grupo dos amigos até o grupo de estilo, até a gangue” (p.36). Nos grupos, os adolescentes buscam a ausência da moratória, utilizando-se de regras de aceitação mais claras e praticáveis, o que pode inclusive estar relacionado a atos de delinquência juvenil, no sentido de que o grupo oferece uma proteção a esses jovens (RASSIAL apud KEHL, 2004).

É interessante ainda refletir sobre o caráter heroico e até mesmo “messiânico” imbuído aos jovens na situação do referido processo de *impeachment* de Fernando Collor: é como se a juventude fosse convocada a salvar o país nas situações de crise. Todavia, vale lembrar que a eleição deste mesmo presidente, posteriormente deposto, foi efetivada em cima de uma ideia de mudança e renovação, sendo ele o mais jovem presidente da história do Brasil. De uma forma ou de outra, a sociedade acaba denunciando os símbolos de seus ideais, e em cada época acaba elegendo uma fase da vida para idealizar. Se até a metade do século XX ser adulto era o que tínhamos de mais desejado, a partir daí a juventude passa a tomar consistência e ser valorizada, vindo a desembocar no que identificamos hoje como um ideal cultural contemporâneo, representado fundamentalmente pela adolescência.

⁵ Calligaris (2000) destaca cinco imagens ou visões - culturalmente construídas - que pesam na organização do comportamento dos adolescentes. São elas: Adolescente Gregário, Adolescente Delinquente, Adolescente Toxicômano, Adolescente que se enfeia e Adolescente Barulhento. Neste artigo, foram abordadas aquelas que mais se aproximaram dos discursos encontrados.

“Caçoar do tempo, essa é melhor maneira de lidar com ele”. É assim que o cronista da última página da Revista MIX - veiculada junto ao jornal Diário de Santa Maria - dos dias 18 e 19/08/2012 - refere-se ao envelhecer. Crônica é livre. É pessoal. E parece também difundir o ideal. “Morrer deve ser chato à beça, e no que depender de mim vou cuidar de engambelar a indesejada...”, continua ele. Seriam pitadas de eternidade? Ou melhor, imortalidade? Ilusão bem característica da adolescência (e, pelo visto, dos adultos também). Só o vislumbre sacral das criancinhas felizes não nos basta; os adultos modernos precisam de um ideal possivelmente identificatório. Os adolescentes vêm a calhar muito bem. Gozam despreocupados e suas atitudes são praticáveis. “Eu quero sempre o inconformismo dos meus 20, a mesma inquietude, a mesma curiosidade diante da vida, o mesmo desejo de mudar o que deve ser mudado”, conclui o cronista. Crônica é livre. É pessoal. Descreve o Ideal.

A idealização da adolescência carrega consigo ambiguidades que podem vir a se refletir no desenvolvimento dos próprios adolescentes. Não por questões exclusivas dos sujeitos jovens, mas sim pelas relações que os pais (adultos e referenciais) adquirem com tal idealização - algo implícito na crônica publicada na Revista MIX do Diário de Santa Maria. Assim, o adulto que se espelha em ideais adolescentes não se sente mais à vontade para assumir-se como uma referência simbólica dos filhos; afinal, ocupar a vaga de adulto seria abandonar a condição juvenil idealizada. Dessa forma, corre-se o risco de que os pais acabem se omitindo de oferecer parâmetros mínimos para orientar os filhos, fato que fragilizaria a rede de proteção imaginária e desvalorizaria a experiência. Por isso, descartar a historicidade do sujeito em nome de uma eterna juventude, entre outros efeitos, pode vir a produzir no jovem adolescente um vazio que beira o insuportável (KEHL, 2004).

Os “tipos” juvenis descritos pela mídia impressa de Santa Maria são interessantes e variados. Chama a atenção a notícia publicada por A Razão, no dia 14/08/2012, página 3. Diz respeito a um concurso realizado entre adolescentes pela Câmara de Vereadores: “Curto a vida. Não curto o álcool”. Objetivando a reflexão sobre o consumo de álcool na infância e na adolescência, vários jovens participaram da atividade através de seus trabalhos artísticos a respeito do tema. É interessante pensar que juntamente ao adolescente rebelde e/ou transgressor surja no discurso midiático aqueles que prefiram abster-se dessas denominações e assumir uma postura até certo ponto higienista, indo ao encontro desse tipo de discurso reproduzido pelos jornais. Jurandir Freire Costa (1979/2004) afirma que a política higiênica, difundida a partir da década de 30, impôs aos indivíduos uma educação física, moral, intelectual e sexual inspirada nos preceitos sanitários da época; o higienismo ao mesmo tempo em que alterava o perfil sanitário da família, modificava também sua feição social a fim de revolucionar os costumes familiares e converter os predicados físicos, psíquicos e sexuais dos sujeitos em símbolos de classe social. Assim, a amplitude do universo adolescente abre espaço para uma infinidade de

facetas e suas cargas subjetivantes. Eventualmente contraditórias, tais facetas dispõem de imagens paradoxais nas quais os adolescentes se identificam com o desejo dos adultos (CALLIGARIS, 1996).

Tradicionalmente falando, o que teriam os adolescentes a ver com as tradições culturais de algum lugar? *A priori*, esse não parece ser um lugar muito *cool* para se admirar a paisagem. A reportagem intitulada “A tradição de um campeão”, publicada na página 9 do Diário de Santa Maria de 14/08/2012, fala de um festival de danças tradicionais gaúchas, conquistado por um grupo local de jovens. É instigante a fala do coordenador responsável pelo grupo: “Os jovens se entregaram; eles abriram mão das próprias férias para ensaiarem diariamente, com ensaios que chegavam a durar 10 horas”. Interessante perceber as diversas formas de comportamento e estilo pelas quais os adolescentes buscam seu reconhecimento enquanto pares dos adultos. “Na mesma época em que parece vingar o pesadelo do predador urbano, também aparecem jovens que coletivamente abjuram certas seduções do mundo [...] As condutas adolescentes são tão variadas quanto os sonhos e desejos reprimidos dos adultos” (CALLIGARIS, 2000, p.33). Ao mergulharmos por estas suposições, nada mais justo do que nos abstermos de conceitos ou estereótipos estáticos. A experiência do adolescer permite-nos alçar as velas em mares de diversidade subjetiva, onde não convém ancorar-se apenas em categorias específicas pré-estabelecidas.

Entre animais e maquinários do caderno de Agronegócios, que vem junto ao Diário de Santa Maria de 13/08/2012, a página 11 estampa reportagem sobre um automóvel que será lançado, e apresenta o seguinte título: “Chevrolet Sonic, os jovens vão adorar”. Apontando o design externo, “pegada esportiva” e adereços tecnológicos como atrativos para conquistar o público jovem, a reportagem não deixa de fomentar questões. De acordo com Maria Rita Kehl (2004), por volta dos anos 50, mais precisamente nos Estados Unidos do pós-guerra, a adolescência passou a ser considerada uma nova fatia de mercado, formada por jovens consumidores em potencial. A autora complementa dizendo que este fato rapidamente se difundiu pelo mundo capitalista, acarretando numa associação entre juventude e consumo que veio a favorecer o desenvolvimento de uma cultura adolescente fortemente calcada no hedonismo. Sendo assim, no tipo de discurso veiculado pela referida reportagem, é possível reconhecer a adolescência como um excelente argumento comercial, pois passa a ditar tendências e moldar formas estéticas ideais de mercado, inclusive atingindo a esfera de consumo dos adultos e de quem mais se identificar.

A adolescência, como vimos, é atravessada por paradoxos; estes “contrários” presentes no discurso da mídia conseguem produzir, simultaneamente, imagens de vida e morte associadas à adolescência. Além das alegres páginas jovens que remetem a vida e a energia, os adolescentes são encontrados facilmente nas páginas policiais de ambos os jornais. A delinquência parece estar de certa

forma “enlaçada” ao adolecer. Tanto *A Razão* (p.15) como o *Diário de Santa Maria* (p. 11) publicaram em suas edições do dia 14 de agosto de 2012 uma notícia referente ao assassinato de um jovem de 21 anos, cometido a tiros por um adolescente de 15 anos. O fato ocorreu em um baile, onde os dois envolvidos se desentenderam, e o rapaz de 15 anos foi até sua casa buscar a arma para executar o outro. O jornal *A Razão* deu destaque a esta notícia, estampando-a na capa da edição.

O período da adolescência é repleto de transformações: sua passagem é bastante controversa e, eventualmente, até turbulenta. De acordo com Macedo et al. (2010), o sujeito adolescente é instigado a deparar-se com um novo processo identitário, onde questões edípicas e de desenvolvimento emergem em meio à iniciação genital. A fragilidade do laço social atual e o desamparo, juntamente com uma crise de valores e a falta de figuras significativas de identificação, causam um mal-estar decorrente da fluidez dos vínculos e proporcionam um melhor entendimento do fenômeno da delinquência adolescente.

Na compreensão da adolescência [...] é importante situar o contexto social como um dos fatores que influenciam no processo de formação da subjetividade. A vigência do contemporâneo preconiza o imediatismo; logo, a reflexão, o pensar e a expressão pela palavra estão subjogados em detrimento de um funcionamento que mais se aproxima das modalidades do princípio do prazer e de processos primários de funcionamento (MACEDO et al., 2010, p. 186).

A agressividade, intrínseca ao ser humano, apresenta-se como a principal manifestação da pulsão de morte e, na sociedade atual, veste uma roupagem individual, calcada na violência e sua falta de sentido social ou ideológico. De acordo com o psicanalista Donald Winnicott (1956/2005), o desamparo proveniente de uma falha dos cuidados primordiais do outro para com o sujeito pode vir a ser relevante nas expressões de delinquência e passagem ao ato, em que o aspecto frágil do aparelho psíquico denunciaria a ausência de simbolização. Assim, os comportamentos agressivos e antissociais podem ser compreendidos até certo ponto como um movimento do sujeito decorrente da dificuldade de lidar com as frustrações primordiais. O comportamento delinquente seria, entre outras coisas, um pedido de ajuda em busca da falta de amparo. Dessa maneira, o sujeito atuaria no social para buscar suprir as falhas de cuidado, almejando desenvolver-se emocionalmente (MACEDO et al., 2010).

Sobre o que definiu como “O Adolescente Delinquente”, Calligaris (2000) afirma que a delinquência pode vir a ser uma resposta à moratória social, na busca do reconhecimento que lhes é adiado; “onde o adolescente - por não ser reconhecido no pacto social - tentará ser reconhecido “fora” ou contra ele [...] ou no pacto alternativo do grupo” (p. 41), já que o ato delinquente é uma forma de tentar propor um espaço alternativo, com outras regras. O autor ainda afirma que a transgressão propõe-se a encenar o que os adolescentes pensam ser um desejo recalcado dos adultos; contudo, não é nada agradável para os adultos se depararem com uma encenação de seu próprio recalque (CALLIGARIS, 2000). Sendo assim, nas situações em que o adolescente carrega o desamparo e a vivência de situações traumáticas de privação,

[...] a fragilidade de seus recursos psíquicos se faz evidente. Dessa fragilidade resulta a impossibilidade de encontrar soluções que levem a destinos pulsionais regidos por Eros, abrindo-se, portanto, um espaço para a passagem ao ato que se expressa por meio da delinquência. Nos momentos em que faltam as figuras de amparo e a qualidade de modelos de identificação, o adolescente parte para o social em busca de um resgate daquilo que não lhe foi provido de modo satisfatório” (MACEDO et al., 2010, p. 196).

Após estas considerações, podemos refletir acerca da interferência social na construção de subjetividade do adolescente. Com a ausência de figuras autênticas de identificação e o individualismo disseminado em nossa cultura, o contexto social mostra-se ineficiente enquanto Estado promotor de direitos e reconhecimento dos sujeitos. Esta desatenção que o Estado designa ao jovem colabora com o desamparo, deixando-o ainda mais desorientado e sem parâmetros para desenvolver-se (MACEDO et al., 2010). Por outro lado, a ausência de referências imaginárias e simbólicas consistentes, representadas *a priori* pelos pais, pode abrir espaço para outro viés de intervenção do Estado: o autoritarismo. Numa possível configuração desse tipo, o Estado assumiria a produção de discurso dos adultos (pais), ditando o que deve ser feito e, conseqüentemente, suplantando a autonomia e a historicidade dos sujeitos (KEHL, 2004; JERUSALINSKY, 2003).

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Adolescer na contemporaneidade não é tarefa simples. A adolescência diz respeito a um sofrimento, a um estado de uma indecisão que está muito próxima de se decidir. Dentre as turbulências provocadas por essa moratória social imposta a quem não é mais criança, mas também não é adulto, o sujeito adolescente torna-se um ator daquilo que a sociedade construiu para ele e sobre ele. Estar nessa posição de incerteza, em que não se sabe o porquê de estar lá e nem por quanto tempo ficará, parece aludir ao desamparo; não ao desamparo instaurador do desejo, que é inerente à condição humana, mas ao do descaso, do desamparo do outro para consigo.

O discurso midiático dos jornais analisados parece difundir as características atribuídas à adolescência pela construção social. As diversas facetas evidenciadas são, de certa forma, interligadas ambigüamente e assim acabam reforçando o caráter paradoxal da adolescência. Ao mesmo tempo em que representam o sonho de liberdade dos adultos, os adolescentes também encarnam seus maiores pesadelos de violência e delinquência. Justamente por não ocupar um lugar específico (nem criança, nem adulto), o adolescente encena o cotidiano e questiona os lugares que os membros devidamente “reconhecidos” da sociedade estão ocupando. Para Jean-Jacques Rassial (1999), “os problemas que se colocam na adolescência e que a própria adolescência coloca extrapolam a cada vez o âmbito particular e põem em causa o laço social” (p. 201), evidenciando assim o mal-estar na cultura, apontado por Freud (1930/1996).

As contradições, portanto, continuam permeando o jovem adolescente. A sociedade que lhe impõe a injusta moratória é a mesma que idealiza sua condição como sendo um tempo feliz. A ado-

lescência torna-se então o ideal cultural dos adultos por ser hipoteticamente uma situação de gozo desprovida de responsabilidades, indo de encontro às ideologias de individualismo e autonomia disseminadas na cultura. As imagens e discursos produzidos pelos jornais a respeito da adolescência invariavelmente contribuem para isso, pois torna-se evidente uma tendência à exaltação dos aspectos joviais ou adolescentes da contemporaneidade, reforçando, assim, a idealização da adolescência.

Em sua empreitada na busca do reconhecimento por parte dos adultos, o adolescente se depara com essa grande surpresa: muitos adultos o idealizam e querem ser adolescentes. Amadurecer, crescer, ou o que quer que seja, não representaria quase nada, senão tornar-se alguém cujo desejo é o de poder voltar a ser adolescente. Contudo, isso não se dá sem produzir consequências nos sujeitos adolescentes: depressão e angústia são expressões encontradas em muitos jovens contemporâneos. Afinal, como lidar com tantas ambiguidades? Como entrar no mundo adulto sem o auxílio destes mesmos adultos, que querem permanecer jovens para sempre? Soma-se a isso o fato de o jovem estar necessariamente imbuído a responder pelo imperativo de gozo que a cultura lança sobre a adolescência (KEHL, 2004). Trazendo a questão para o campo clínico, a psicanálise argumenta que a análise do adolescente deve buscar conduzi-lo a aceitar uma certa solidão, no sentido de permiti-lo se autorizar por si mesmo em suas escolhas, além de manter com os outros uma relação um pouco menos fundada em ideais imaginários e em buscas frenéticas por um gozo impossível (RASSIAL, 1999).

Dessa forma, resgatamos as perguntas projetadas no início deste trabalho: não estaria o adolescente procurando se manter na sua condição, já que o adulto justamente busca um ideal adolescente? Os jovens desejam permanecer na adolescência ou simplesmente “não têm para onde ir”? Entre múltiplas possibilidades de se dizer algo, consideramos que o sujeito adolescente encontra-se em uma encruzilhada, onde é confrontado constantemente por paradoxos sobre seu lugar no discurso social. Ele padece de problemas com a extensão do tempo, padece de fragilidades simbólicas, enfim, está tomado por uma condição que o desestabiliza tanto biologicamente (com as mudanças corporais e hormonais) quanto social e psicologicamente, como tentamos abordar ao longo deste artigo.

Esta junção de fatores parece colocar em xeque o lugar social daqueles que não são mais crianças, mas também ainda não são adultos. A saída (da adolescência ou da questão), propõem Moreira et al. (2011), pode estar na vivência de um trabalho psíquico em que o sujeito jovem possa elaborar melhor suas perdas e reposicionar-se frente à vida, reconhecendo sua responsabilidade na relação com os outros e com a humanidade em geral, estabelecendo assim uma ética da alteridade. Todavia, o desenvolvimento destas proposições extrapola os objetivos pontuais de nosso trabalho.

Por fim, se não derem respostas, tais reflexões, no mínimo, dariam uma matéria de jornal: “Extra, extra! O Adolescente e o não-lugar: Eu não tenho para onde ir e não sei se quero ficar”, fazendo alusão ao título deste artigo.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BIRMAN, J. A escrita em psicanálise. In: BARTUCCI, G. **Psicanálise, Literatura e Estéticas de Subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001. p. 185-196.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.
- CALLIGARIS, C. **Crônicas do individualismo cotidiano**. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- CALLIGARIS, C. A sedução dos jovens. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 set. 1998. Caderno Mais!, p. 4.
- CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- COUTINHO, L. G. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social? **Pulsional Revista de Psicanálise**, v. 18, p. 16-23, 2005.
- COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, [1979] 2004.
- DOLTO, F. **A causa dos adolescentes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- ERIKSON, E. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- FREUD, S. [1927]. O Futuro de uma Ilusão. In: STRACHEY, J. (Ed. e Trad.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. (v. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. [1930]. O mal-estar na civilização. In: STRACHEY, J. (Ed. e Trad.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. (v. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. [1912-1913]. **Totem e Tabu**: algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.
- FUKS, B. B. **Freud e a cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007.

HADLER, O. H.; GUARESCHI, N. M. F. Nas trilhas do sujeito jovem: entre práticas de institucionalização e políticas públicas. **Mnemosine**, v. 6, n. 1, p. 19-40, 2010.

JERUSALINSKY, A. Adolescência e Contemporaneidade. In: MELLO, A.; CASTRO, A. L. DE S.; GEIGER, M. (Org.). **Conversando sobre Adolescência e Contemporaneidade**. Conselho Regional de Psicologia - 7ª Região, Porto Alegre: Libretos, 2004.

KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. **Juventude e Sociedade** - Trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo/ Instituto Cidadania, 2004.

LARROSA, J. O ensaio e a escrita acadêmica. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 101-115, jul./dez. 2003.

MACEDO, M. et al. Delinquência e adolescência: reflexões psicanalíticas. In: MACEDO, M. (Org.). **Adolescência e psicanálise: intersecções possíveis**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

MOREIRA, J. O. et al. Juventude e adolescência: considerações preliminares. **Psico**, v. 42, n. 4, p. 457-464, out./dez. 2011.

OLIVEIRA, A. M. **Jovens e adolescentes no ensino médio: sintomas de uma sistemática desvalorização das culturas juvenis**. 2008. 222f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

RASSIAL, J. J. **O adolescente e o psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

ROCHA, A. P. R.; GARCIA, C. A. A adolescência como ideal cultural contemporâneo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 28, n. 3, p. 622-631, 2008.

SAVAGE, J. **A Criação da Juventude: como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

WINNICOTT, D. [1956]. **Privações e delinquência**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.